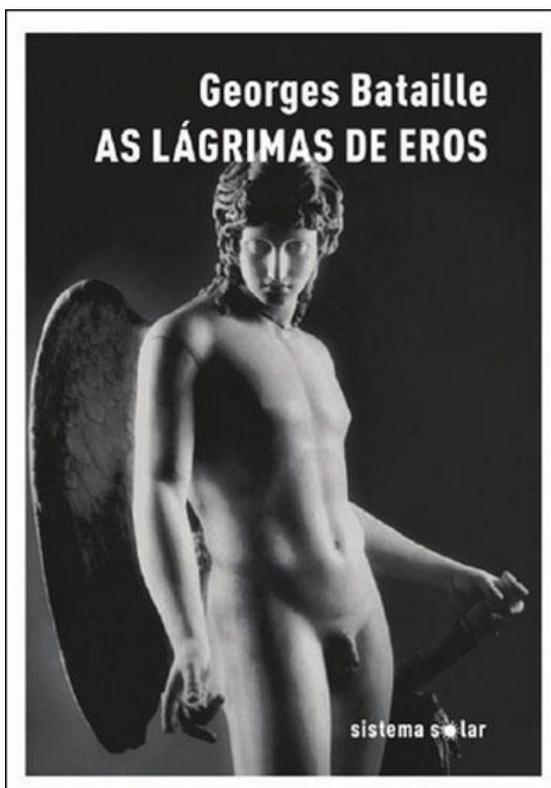


Bataille e as Distintas Faces de Eros

Rodrigo da Costa Araujo¹

RESENHA:

BATAILLE, George. *As Lágrimas de Eros*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa. Ed. Sistema Solar. 2012. 126p.



Capa do livro *As Lágrimas de Eros* (2012)

¹ Doutorando em Literatura Comparada e Mestre em Ciência da Arte (2008) pela Universidade Federal Fluminense. Professor de Literatura infantojuvenil e Arte Educação da FAFIMA - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces*, *Leituras em Educação* (2011) e *Literatura Infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite* (2012), todas lançadas pela Editora Opção. E-mail: rodricoara@uol.com.br

O proibido confere àquilo que atinge um sentido que o acto proibido em si próprio não tinha. O proibido obriga à transgressão, e sem ela o acto não teria conseguido o mau clarão que seduz... A transgressão do proibido é que enfeitiça...

(BATAILLE, Georges. *As Lágrimas de Eros*. 2012, p.69).

Georges Bataille (1897-1962) é um dos pensadores mais significativos do século XX. O conjunto de sua obra, segundo os críticos, se apresenta como um dispositivo que nos permite atravessar as tensões dominantes no mundo batailliano, as quais são ainda uma constante no nosso tempo

Em *As Lágrimas de Eros* (2012), o último texto/ensaio publicado em vida (1961), Georges Bataille reafirma com mais propriedade o que já estava anunciado por textos/livros anteriores: “A actividade sexual utilitária contrapõe-se ao erotismo, pelo facto de este último ser o fim da nossa vida... Mas a busca calculada da procriação, tal como o trabalho da serra, arrisca-se a ficar humanamente reduzida a um lamentável acto mecânico” (2012, p.15).

Lendo-o, atentamente, fica no ar uma pergunta do leitor: Por onde, então, começar a rede infinitamente complexa com que Eros nos instiga? Na sua exuberância e transbordamento, promessa de vida, o erótico se dá em nós como um não-sentido que resiste à mumificação discursiva.

Na apresentação da obra, feita por Aníbal Fernandes, uma frase de *La Signification de l'Érotisme* como que se fez pré-anúncio do programa dos seus capítulos, comunica: “Desde o berço até à morte, a sexualidade é base de uma agitação que o ingênuo pensamento comum, imbuído de idealismo, conhece mal”. Em “Gênese”, segundo o prefaciador, deixou registrado o que poderia ser seu sumário: “O erotismo é um abismo. Querer iluminar-lhe a profundidade exige ao mesmo tempo grande vontade e uma lucidez tranquila, a consciência de tudo o que uma intenção tão contrária ao senso geral põe em causa; ele é, de facto, o mais horrível e também o mais sagrado”.

Escrito entre 1959 e 1961, *As Lágrimas de Eros* é uma obra que consegue através da fusão palavra-imagem, dar forma aos fantasmas da sexualidade revelando uma inquietude que o homem sempre demonstrou diante dos enigmas do sexo, que na acepção batailliana, se encontra de forma extremamente profunda e obscura aproximado da morte: “Toda a nossa vida tem uma carga de morte...” (BATAILLE, 2012, p.69).

Por isso, insiste Bataille “afinal, o erotismo existe bem mais do que somos, ao princípio, levados a reconhecer” (p.71), e é por isso que o erotismo não pode ser reduzido à condição de objeto do pensamento, ou seja, à condição de algo paralisado para poder ser pensado, sob pena de se perder justo seu tom, seu som, seu teor que faz dele o que ele é. Não se pode fazer do erotismo uma coisa, um objeto exterior a nós. O erótico nos atravessa.

Neste conjunto de textos, Bataille explora a dimensão epistemológica da experiência erótica e do seu fundamento religioso, por isso mesmo afirma “O sentido do erotismo escapa a quem lhe não vir o sentido religioso!” (2012, p.72). Vida, erotismo e morte interligam-se como a uma mesma diretriz e rede de sentidos no desvendar do erotismo e religião, inscrevendo o erotismo como substância primeira da vida do homem: “a essência do homem é dada pela sexualidade - que é a sua origem e o seu começo - por isso levanta-lhe um problema que só tem como saída o desvario” (2012, p.15).

Em *La Souveraineté* Bataille referiu-se ao caráter, indissociável do comportamento erótico da humanidade, que é também central nesta sua exposição: “As proibições mantêm o mundo organizado pelo trabalho - e, possivelmente, até onde podem fazê-lo - ao abrigo da perturbação que a morte e a sexualidade imparavelmente lhe introduzem: esta animalidade em nós perdurável e, podemos acrescentar, constantemente introduzida pela vida e pela natureza que são como uma lama de onde saímos”. Recorrência e confirmação, que sempre lhe foram caras, de “já tudo ter estado em tudo”, sucessivas lâminas numa obra que se completa, rediz e a todo o momento reconstrói.

O objetivo desse livro, evidente no próprio no prefácio, é, como um primeiro passo, refletir sobre a consciência da identidade do orgasmo (ou pequena morte) e, finalmente, a morte. Para isso, o filósofo instiga o leitor a assumir uma postura investigativa, reflexiva e instigante diante da percepção e ação do pensamento pelo olhar atento. A iconografia extremamente selecionada molda, aos olhos do leitor sensível, os fantasmas da sexualidade, confirmando que palavra e imagem revelam a perene preocupação do sujeito, desde os primeiros tempos, para os mistérios insondáveis do sexo, enraizado, por sua vez, na consciência da morte.

Os temas, para essa abordagem ensaística, variam entre as configurações da inocência, da tentação, do tormento de paixão e expiação, até a morte. Aqui e ali, confirma-se que “O proibido confere o seu próprio valor àquilo que atinge. No próprio instante em que reconheço a intenção de afastar,

pergunto a mim mesmo se não fui, pelo contrário, disfarçadamente provocado!” (2012, p.68).

Dividido em dois momentos, - I. *O Começo (O Nascimento de Eros)* e II. *O Fim (Da Antiguidade até os nossos dias)* - o livro apresenta na primeira fase, os diferentes aspectos da vida humana sob o ângulo do erotismo, e na segunda, estudos diversos sobre o erotismo, que permeiam a psicanálise e a literatura.

A capa da obra, paratexto por excelência, reproduz Eros em escultura, constituído por uma criança, demarcando as contradições do amor em certa juventude e irresponsabilidade. Sob a máscara de um menino inocente, esconde-se um deus perigoso e sempre pronto a transpassar com suas flechas certeiras, envenenadas de amor e paixão, o fígado e o coração de suas vítimas.

A experiência que Bataille propõe, seja ela mística ou erótica, é sempre a experiência do limite, do ponto onde a razão não mais exerce seu domínio, portanto, é inexprimível e inenarrável. O pensamento dessa experiência se produz e se compõe somente no excesso, e fora do excesso não existe verdade. Não existe verdade, portanto, fora da necessidade de ver aquilo que é impossível ver, de pensar aquilo que é impossível pensar.

No pensamento batailleano, o cristianismo teve um papel fundamental na condenação do erotismo e justifica esse fato recuperando o imaginário cristão da Idade Média em que a representação do corpo nu se restringia às cenas infernais. Bataille prossegue com exemplos visuais e apresenta uma série de obras do Renascimento Nórdico, de maneira especial de Albrecht Dürer, Lucas Cranach e Baldung Grien, artistas que retratam um componente erótico angustiante. Segundo Bataille, desde o princípio, ao entrarmos neste mundo de um erotismo longínquo e tantas vezes brutal, somos confrontados pelo acordo horrível entre erotismo e sadismo. Isso se deve, sobretudo às frequentes representações de cenas de torturas nas quais o corpo nu é supliciado pelos algozes, exemplo disso pode ser atribuído à xilogravura de Cranach intitulada *A Serra*. Essa imagem retrata um homem nu, atado de cabeça para baixo, enquanto dois outros homens o serram ao meio e uma multidão assiste ao espetáculo.

As lágrimas de Eros é um ensaio/passeio por imagens da História da Arte. A obra contém desde as primeiras estatuetas feitas pelo homem, até as fotografias de Georges Dumas e Pierre Verger. Algumas ilustrações mostram o interior das cavernas de Lascaux, as superfícies rochosas povoadas de

imagens de homens e animais, figuras que ora aparecem solitárias, ora se amontoam lembrando as manadas selvagens. Nas pedras há uma profusão de traços representando caçadores em um reino de abundância, homens que devotam um profundo respeito pelo animal.

Nas últimas páginas de *As lágrimas de Eros*, em que esboça uma história do erotismo através das imagens, Bataille volta à cena do suplício chinês. Seu propósito, como ele mesmo diz, é "ilustrar o êxtase religioso, o do erotismo, e em particular, o do sadismo". Sade certamente não assistira ao suplício de Fou Tchou Li, mas cenas semelhantes povoaram-lhe o tempo todo a imaginação e os livros. Por isso lhe valia tanto a solidão. Sem ela, diz Bataille, "a via extática e voluptuosa não é possível". A solidão, afinal, obriga o corpo a ramificar-se além de si mesmo. Na falta de outros corpos, ela faz com que o sujeito isolado fabrique virtualidades corpóreas que preenchem seu vazio na imaginação e nos sonhos. Sem essa condição, uma obra como a de Sade seria inconcebível.

Multidisciplinar e abraçando grande número de dados críticos e de História da Arte, *As Lágrimas de Eros* (2012), nos brinda com notáveis fórmulas de interpretações sobre as faces do erotismo e suas variadas estratégias de escrever/inscrever-se no discurso erótico. O espetáculo de Eros ou as análises dos temas que envolvem ele (as grandes obsessões e suas técnicas de dar-lhe vida) definem o terreno em que, se movem os textos críticos de Georges Bataille.

Recebido em agosto de 2014
Aprovado em fevereiro de 2015